

“Nenhuma árvore no jardim de Deus era tão bela quanto ele”: Turismo religioso e extinção da floresta de cedros do Líbano em relatos de missionários protestantes no Oriente Médio

“No tree in God's garden was as beautiful as him”: Religious tourism and extinction of the Lebanon's cedar forest in accounts by Protestant missionaries in the Middle East

Marina Haizenreder Ertzogue¹



Resumo: Este artigo, na perspectiva da história ambiental, busca demonstrar como o turismo religioso, no século XIX, se tornou um dos fatores que contribuíram para a devastação dos cedros do Monte Líbano e estabelecer a conexão entre o literalismo bíblico e a defesa da preservação da floresta de cedros originários ameaçados de extinção, de acordo com relatos de viajantes e peregrinos daquela época. Por fim, pretende-se responder a seguinte questão: por que algumas passagens bíblicas sobre a natureza da floresta dos cedros no Monte Líbano, local sagrado de peregrinação para os cristãos, foram postas em xeque pela ciência? Para esclarecer essa investigação foram consultados diários de viajantes naturalistas, relatos de missionários protestantes na Síria e a imprensa. **Palavras-chave:** cedros do Líbano; história ambiental; missionários protestantes; peregrinos.

Abstract: This article, from the perspective of environmental history, seeks to demonstrate how religious tourism, in the nineteenth century, became one of the factors that contributed to the devastation of the cedars of Mount Lebanon and to establish the connection between biblical literalism and the defense of the preservation of the forest of native cedars threatened with extinction, according to reports of naturalist travelers of that time. Finally, it is intended to answer the following question: why some biblical passages about the nature of the cedar forest on Mount Lebanon, a sacred place of pilgrimage for Christians, were put in check by science? To clarify this investigation, diaries of naturalist travelers, reports of Protestant missionaries in Syria and the press were consulted. **Keywords:** cedars of Lebanon; environmental history; protestant missionaries; pilgrims.



Marina Haizenreder Ertzogue
"Nenhuma árvore no jardim de Deus era tão bela quanto ele":
Turismo religioso e extinção da floresta de cedros do Líbano
em relatos de missionários protestantes no Oriente Médio

Introdução

No prólogo de *Shrinking the Earth* (WORSTER, 2016), o historiador ambiental Donald Worster nos apresenta um planeta que está encolhendo e que a crença da natureza inesgotável acabou. Nessa perspectiva, insere-se a teoria da Luz Verde, construída por Worster a partir de uma cena de Jay Gatsby, protagonista do romance de Francis Scott Fitzgerald (1896-1940), *The Great Gatsby* (1925). De longe, o impávido sonhador contemplava a luz verde, no entanto, a luminescência era apenas a sinalização do ancoradouro de Daisy Buchanan. Para a personagem, todavia, a luz verde era o sinal de que “em algum lugar do passado de Jay Gatsby e da América estava o sonho de uma terra fértil e intocada com possibilidades” (WORSTER, 2016, p. 4).

Em tempo de Antropoceno, sabemos que a extraordinária abundância de recursos naturais acabou sem que o conhecimento científico, a inovação tecnológica ou o trabalho árduo conseguisse trazê-la de volta. Donald Worster (2016) nos diz que a terra está encolhendo e o mundo não vive mais a ilusão verde de *Gatsby*.

A extinção de uma espécie é um caminho sem volta. Vivemos em um mundo extremamente fragilizado, cujos recursos naturais estão retraindo ou desaparecendo. Em 2022, recorde de ter lido que quase 90% das sementes crioulas em Pernambuco foram contaminadas por transgênicos, fato lamentável, triste, porém, recorrente.

Para José Augusto Pádua (2022b), a ampliação do uso do termo Antropoceno no debate histórico tem uma lógica própria. É uma resposta ao vácuo conceitual, no entendimento do mundo contemporâneo, que se apresenta diante de nós na medida em que conceitos, segundo Pádua, “considerados fundamentais, como modernidade e globalização, já não estavam sendo suficientes para analisar essa transformação radical ocorrida no século XX.”

A história ambiental dialoga com o Antropoceno, visto que ela compreende uma investigação aberta e “não reducionista das interações entre sistemas sociais e sistemas naturais ao longo do tempo” (PÁDUA, 2010, p. 101). Na história ambiental, são discutidos os fatores sociológicos e “as principais questões epistemológicas presentes na constituição desse campo historiográfico” (PÁDUA, 2010, p. 101).

A partir da História Ambiental, fica evidente a importância da narrativa da extinção de espécies em tempos passados e do fracasso daqueles que, sinceramente, tentaram preservar as florestas. Em tempo de Antropoceno,



Marina Haizenreder Ertzogue
"Nenhuma árvore no jardim de Deus era tão bela quanto ele":
Turismo religioso e extinção da floresta de cedros do Líbano
em relatos de missionários protestantes no Oriente Médio

ler uma frase do botânico Louis François Élisabeth Ramond, em *Annales du Muséum d'histoire naturelle* (RAMOND DE CARBONNIERES 1804, p. 404), é uma sensação de déjà-vu: "Tout vieillit avec une rapidité croissante: un siècle de l'homme pèse sur la terre plus que vingt siècles de la nature."

Na literatura de viagem, em relatos de cronistas greco-romanos ou em passagens bíblicas, há evidências da extinção gradual do *Cedrus libani*, conífera originária do Monte Líbano, aclimatada a temperaturas baixas. Situados em um platô, alguns exemplares resistem abaixo da cordilheira cujo cume era coberto por neves eternas.

Ao longo da história da ocupação humana, as florestas de cedros do Líbano foram devastadas constantemente. Os primeiros relatos estão no Antigo Testamento. A madeira de cedro era valorizada na construção civil e naval por ser considerada incorruptível à deterioração.

Os viajantes P. Bellon (1546); C. Fishtner (1556); Rauwolf (1574), e Jacobi (1759) contaram os cedros considerados mais antigos pelas proporções gigantescas; deles restavam entre 28 e 24 ao longo dos séculos XVI-XVIII. Em 1789, Billardièrre afirmou que sete era tudo o que havia². Durante o século XIX, a maioria dos viajantes contou apenas 12 cedros no Monte Líbano, aqueles dignos de serem chamados de cedros de Salomão.

Antes do século XIX, marcado por profundas mudanças na dinâmica das peregrinações e pelo fomento do turismo religioso como empreendimento no Oriente Médio, a floresta de cedros se tornou objeto de clamor por sua conservação.

O cedro do Líbano era objeto de devoção religiosa; a primeira ação propositiva para preservação da floresta foi do patriarca dos maronitas – cristãos orientais que professavam a fé católica cuja liturgia era na língua sânscrita. Os maronitas tiveram sua origem com S. Maron, monge eremita, no século V.

O patriarca decretava a excomunhão daquele que ousasse arrancar os galhos ou ferir os cedros. Segundo viajantes, esta era uma prática antiga quando o culto ainda era celebrado ao pé dos cedros de Salomão, em altar de pedras empilhadas.

Viajantes de várias nacionalidades afirmaram que as cordilheiras do Líbano eram cobertas por florestas; as referências mais antigas eram de passagens bíblicas e textos de cronistas greco-romanos.

Ao longo dos séculos, os cedros foram desaparecendo. No Líbano, uma diminuta porção deles está no mesmo local considerado sagrado e recebe o nome de Floresta dos Cedros de Deus, patrimônio mundial da UNESCO.



Marina Haizenreder Ertzogue
"Nenhuma árvore no jardim de Deus era tão bela quanto ele":
Turismo religioso e extinção da floresta de cedros do Líbano
em relatos de missionários protestantes no Oriente Médio

No entanto, estudiosos alertam que as mudanças climáticas podem pôr fim aos últimos exemplares.

No imaginário oriental, esta árvore alterosa foi dotada dos atributos da imortalidade. Para os cristãos, o cedro está entrelaçado com os dogmas da fé no Antigo Testamento. A rota da geografia do sagrado passava pelo Monte Líbano e missionários estrangeiros palmilharam as terras bíblicas para cumprir com a missão evangelizadora, além disso, alguns publicaram livros de viagens que fizeram sucesso editorial.

No contexto da organização das missões religiosas, na primeira metade do século XIX, havia interesse pelo Oriente Médio, segundo Hellen Berg (2006, p. 45). As ações missionárias se explicavam não somente pela expectativa da iminente volta de Jesus Cristo, precedida pela pregação do Evangelho ao redor do mundo, "mas pela conversão e restauração dos judeus e pelo incentivo às atividades missionárias em geral, em particular no Oriente Médio". Cabe ressaltar que a tendência milenarista e escatológica no protestantismo americano esteve presente desde o século XVIII, conforme Jonathan Edwards (2002 apud MURRE-VAN DEN BERG, 2006, p. 45).

Foi nesse contexto que missionários protestantes foram enviados pela *American Board of Commissioners for Foreign Missions* para o Oriente Médio. Entre eles estava William McClure Thomson (1808-1894), formado pela Universidade de Miami e pelo Seminário Teológico de Princeton. Em 1833, o clérigo protestante chegou ao Líbano, desde então passou a residir em Beirute, designado para ser missionário na Síria e Palestina.

As peregrinações de William M. Thomson (1859) aos locais sagrados estão publicadas em dois volumes de *The Land and the Book*. O texto segue o formato de um diário de viagem e o que se destaca na publicação é a interatividade que o missionário Thomson consegue construir com os leitores leigos, pois *The Land and the Book* pode ser lido como manual do viajante peregrino.

A leitura do livro do missionário Thomson induz a um questionamento: como a literatura de viagem impulsionou o turismo religioso em meados do século XIX? Henri Allon (1873), em *Recent Travels and Explorations in Syria*, diz que um novo prazer foi criado para uma numerosa e crescente categoria de leitores com profundo interesse em tudo que estivesse relacionado à Terra Santa. Trata-se da geografia física, que foi utilizada na ilustração e confirmação de eventos registrados na história das Escrituras.

A geografia física passou a fazer parte da narrativa de viagem, incluindo mapas e roteiros. O leitor adquiriu uma amplitude de visão ao seguir as



investigações dos viajantes e as especulações dos arqueólogos, além de descobrir as peculiaridades locais, nomes de cursos de rios e córregos, características de ruínas célebres e as particularidades da vida pastoral e agrícola, retratadas com precisão de uma câmera (ALLON, 1873).

Hellen Murre-van den Berg aponta para a predileção de William Thomson aos locais de peregrinação não tão óbvios, além disso, destaca o interesse do missionário por locais que remetiam ao Antigo Testamento, evocando um período inicial de Israel, que devia ser entendido a partir do literalismo “que determinou sua leitura tanto do Antigo quanto do Novo Testamento” (MURRE-VAN DEN BERG, 2006, p. 55).

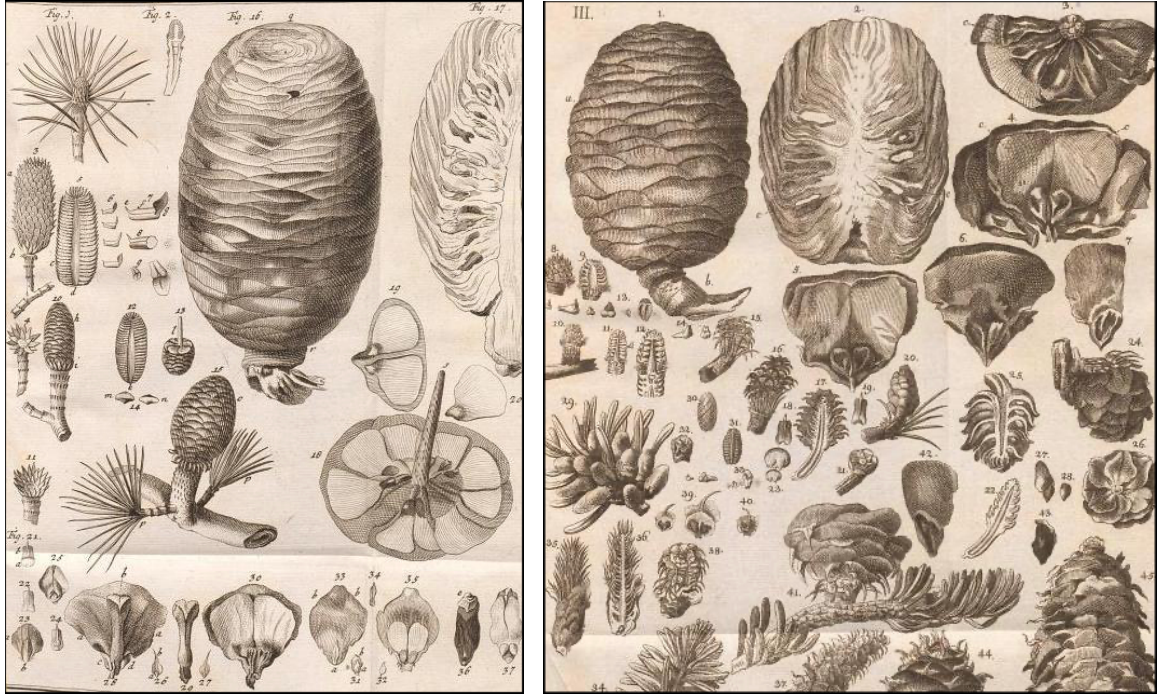
Nesse ponto, podemos inferir a força do literalismo bíblico ao reverberar sobre a extinção dos cedros do Líbano. A propósito, a conífera representa longevidade, beleza e altivez, segundo Ezequiel 31: 8-9, atributos citados no título deste artigo.

No entanto, o literalismo bíblico podia, entre seus intérpretes, se reportar a fatos sem relação direta com o contexto da mensagem do salmista. Um exemplo são as profecias de Ezequiel, no Antigo Testamento, que, ao enaltecer os cedros, também fez previsões da sua destruição no Líbano. Os estudiosos da Bíblia sustentavam, em sua crença inequívoca, que os cedros destruídos eram da mesma floresta que forneceu madeira para a construção do templo de Salomão. Já dissemos antes que o patriarca punia com a excomunhão os maronitas que ferissem as árvores sagradas.

E quanto ao turismo religioso ocidental? Haveria indulto aos viajantes e peregrinos que, no afã de obter uma relíquia, levava consigo um pedaço da floresta? O missionário presbiteriano, autor de *The Land and the Book* (THOMSON, 1859), juntou centenas de cones de cedros do Líbano para presentear os amigos da Europa e América. Cone de cedro é uma espécie de pinha onde fica depositada as sementes. Thomson diz aos leitores: “Você os verá em gabinetes privados com mais frequência do que qualquer outra lembrança da Terra Santa” (THOMSON, 1859, p. 297).



Figuras 1 e 2 - Cones de *Cedrus libani*



Fonte: Trew (1767).

Marina Haizenreder Ertzogue

“Nenhuma árvore no jardim de Deus era tão bela quanto ele”:
Turismo religioso e extinção da floresta de cedros do Líbano
em relatos de missionários protestantes no Oriente Médio

Ecoteologia, conexões entre religião e natureza

O artigo do historiador americano Lynn White Jr. (1967): *The Historical Roots of Our Ecologic Crisis* influenciou na discussão sobre os impactos da Bíblia e da tradição cristã nas práticas ambientais contemporâneas. Para Lynn White Jr. (1967), a cosmovisão cristã e antropocêntrica se consolidou a partir da Gênese e da noção de que o homem é feito à imagem e semelhança de Deus. Com isso, não apenas se estabeleceu um dualismo entre humanidade e natureza, “mas também insistiu que é vontade de Deus que o homem explore os recursos naturais para servir aos seus interesses” (White Jr., 1967, p. 1205).

Na Antiguidade, cada árvore, nascente, riacho ou colina tinha seu próprio espírito guardião. As entidades acessíveis aos humanos eram diferentes deles – eram centauros, faunos e sereias – e antes de cortar uma árvore era preciso aplacar o espírito da floresta. “Ao destruir o animismo pagão, o cristianismo tornou possível explorar a natureza com indiferença aos sentimentos dos objetos naturais” (WHITE Jr., 1967, p. 1205). Portanto, diz White, continuaremos a ter uma crise ecológica cada vez maior “até rejeitarmos o axioma cristão de



Marina Haizenreder Ertzogue
“Nenhuma árvore no jardim de Deus era tão bela quanto ele”:
Turismo religioso e extinção da floresta de cedros do Líbano
em relatos de missionários protestantes no Oriente Médio

que a natureza não tem razão de existir a não ser para servir ao homem” (White Jr., 1967, p. 1207).

Em 1970 surgiu a teologia ecológica, segundo Ernest Conradie (2004), dominada por uma abordagem apologética, em resposta ao artigo *The Historical Roots of Our Ecologic Crisis*. O historiador White Jr. (1967, p. 1206) diz: “[...] a julgar por muitos dos efeitos ecológicos que estão fora de controle. Se assim for, o cristianismo carrega um enorme fardo de culpa”.

Ao colocar a culpa pela crise ecológica no cristianismo ocidental, Lynn White recebeu críticas por parte de teólogos e estudiosos da Bíblia. “Sua tese é uma variação da famosa análise de Weber sobre a relação entre cristianismo e capitalismo, ou seja, que o protestantismo encorajou o capitalismo que, por sua vez, explorou a natureza” (CONRADIE, 2004, p. 124). A tese de White desencadeou o debate das questões ambientais na teologia cristã. No entanto, estudos foram produzidos em defesa do cristianismo “contra as acusações de White, recuperando a sabedoria ecológica nas raízes bíblicas da tradição cristã, na história subsequente, em doutrinas e formas de espiritualidade e práxis” (CONRADIE, 2004, p. 125).

Um discurso ecoteológico acadêmico surgiu em reação às críticas de Lynn White à concepção de um cristianismo antropocêntrico cuja natureza apenas serviria para suprir as necessidades do homem. Para teólogos cristãos era preciso recuperar os textos bíblicos como recurso significativo para uma ética ecológica e mostrar que eles não sancionam uma forma exploradora de domínio humano sobre a terra (HORRELL; HUNT; SOUTHGATE, 2008).

Em *Ecotheology*, Anne Marry Dalton (2018) retoma a tese de Lynn White. O argumento defendido pelo historiador americano era compartilhado por Arnold Toynbee. A imposição bíblica aos humanos para dominar a Terra, povoá-la e subjugar-la em benefício próprio continha as raízes históricas de nossa crise ecológica.

A tese do medievalista Lynn White contribuiu para o surgimento da Ecoteologia ao desafiar a compreensão tradicional da relação entre o cristianismo e a natureza. A longo prazo, após refutarem a tese de White Jr., por volta do século XX, os estudiosos e teólogos estavam preocupados com a restauração da hermenêutica bíblica e temas ambientais, indagando-se como a religião poderia contribuir para a conservação do meio ambiente, da justiça social e da ética ecológica.



Os Cedros de Salomão

Missionários protestantes que estavam na Síria, no século XIX, entendiam que a extinção dos cedros do Monte Líbano era uma profecia bíblica, especificamente, em versículos de Ezequiel e Isaías. Os cedros estariam fadados ao desaparecimento: *A voz do Senhor quebra os cedros; sim, o Senhor quebra os cedros do Líbano* (Salmo 29:5).

Salomão mandou dizer a Hiram, rei de Tiro: Do mesmo modo que fizeste com Davi, meu pai, mandando-lhe cedros para lhe edificar uma casa em que morasse, assim também faz comigo (II Crônicas 2:3).

Dá ordem, agora, que do Líbano me cortem cedros; os meus servos estarão com os teus; e eu pagarei o salário dos teus servos, respeitando em tudo o que determinares. Pois tu sabes que entre nós não há quem saiba cortar madeira como os sidônios (I Reis 5:6).

Deram dinheiro aos pedreiros e aos carpinteiros; e comida, bebida, azeite, aos de Sidom, e aos de Tiro para que trouxessem do Líbano até o mar e daí até Jope, madeiras de cedro segundo a permissão que lhes tinha dado Ciro, rei da Pérsia (Esdras 3:7).

O literalismo bíblico em *Land of the book* (THOMSON, 1886)³, ao relatar a destruição dos cedros do Líbano, correlaciona o fato com um versículo retirado do Antigo Testamento, a saber: “Abre as tuas portas, ó Líbano, para que o fogo devore os teus cedros” (Zacarias 11:1). Após citar o versículo bíblico, William Thomson diz: “E não apenas o carvoeiro consumiu a “Glória do Líbano” em seus poços fumegantes, mas o relâmpago bifurcado às vezes dilacera os mais fortes e estilhaça as árvores mais altas” (THOMSON, 1886, p. 264).

“A voz do Senhor quebra os cedros; sim, o Senhor quebra os cedros do Líbano” (Salmo 29:5), após o versículo, o missionário citou o profeta Isaías ao dizer que os cedros se regozijaram com a queda da Babilônia. “Desde que tu caíste, nenhum lenhador subiu contra nós” (Isaías, 14:8). Lenhadores mais bárbaros do que as hostes da Babilônia, “levantaram seus machados vândalos contra os cedros de Deus, não para construir e adornar os palácios dos reis e templos do Senhor, mas para queimar, destruir e fabricar alcatrão e piche para a marinha

Marina Haizenreder Ertzogue
“Nenhuma árvore no jardim de Deus era tão bela quanto ele”:
Turismo religioso e extinção da floresta de cedros do Líbano
em relatos de missionários protestantes no Oriente Médio



de uma nação cristã” (THOMSON, 1886, p. 264).

No Líbano, a história da destruição dos cedros era contada aos viajantes por guias locais. Tudo aconteceu por ordem do governo Beshir Shehâb, que mandou derrubar os cedros seculares para fornecer alcatrão e piche para a frota britânica estacionada no Mediterrâneo, a fim de observar o procedimento de Napoleão no Egito e na Síria.

Figura 3 - Excursão aos cedros de Salomão – 1836.



Fonte: Carne (1836).

Acreditava-se que os velhos e carcomidos cedros do Monte Líbano eram os mesmos citados no Antigo Testamento, razão da peregrinação ao local sagrado. O viajante e escritor britânico John Carne (1836), encarregado da descrição das ilustrações do álbum *Syria, the Holy Land, Asia Minor*, comentou sobre isso ao descrever a imagem: “A tradição afirma, e o povo acredita, que essas árvores antigas são os restos da floresta que forneceu a madeira para o templo de Salomão há três mil anos” (CARNE, 1836, p. 46).

O literalismo bíblico de Josias L. Porter (1823-1889). O missionário presbiteriano em Damasco, enquanto percorria por locais sagrados, tinha como objetivo ilustrar as "verdades bíblicas" e demonstrar o resultado de extensa viagem.

O fato de que quanto mais estendemos nossos trabalhos na

Marina Haizenreder Ertzogue
“Nenhuma árvore no jardim de Deus era tão bela quanto ele”:
Turismo religioso e extinção da floresta de cedros do Líbano
em relatos de missionários protestantes no Oriente Médio



Palestina, seja como antiquário, geógrafo ou político, mais fortemente estamos convencidos do cumprimento literal da profecia, e da precisão minuciosa dos esboços topográficos e estatísticos contidos na palavra de Deus (PORTER, 1855, p. 5).

Josias L Porter, viajante, escritor e missionário irlandês, estudou teologia nas Universidades de Glasgow e Edimburgo. Em 1849, ele foi para Damasco, enviado pelo Conselho de Missões da Igreja Presbiteriana Irlandesa, onde atuou como missionário por uma década.

Autor de livros de viagens, o reverendo Porter ressaltou que a sua obra não foi escrita em um passeio de verão. Ela era resultado de pesquisas que se estenderam por mais de cinco anos. Seus deveres profissionais não apenas o obrigavam a estudar a língua e os costumes do povo, ele também devia percorrer o país em visita às cidades e aldeias. Ao visitar os cedros do Monte Líbano, o missionário Porter compreendeu o caráter singular daquele lugar: “De sua alta antiguidade, os cedros, glória antiga e de interesse sagrado, cresceram em minha memória, a fascinação que durante séculos atraiu multidões de peregrinos a este local solitário” (PORTER, 1855, p. 300).

Existem registros do desmatamento das florestas de cedro desde a Epopeia de Gilgamesh, demonstrando que a pilhagem, o comércio ou o tributo aos conquistadores ao longo da Antiguidade era prática recorrente. O *Cedrus libani* foi considerado uma mercadoria muito valiosa na história fenícia e desde então foi objeto de superexploração sistemática ao longo dos séculos (TALHOUK *et al.*, 2001).

Quando subiu ao Monte Líbano (THOMSON, 1859), o missionário William Thomson contou apenas 12 cedros de grandes proporções, localizados num platô, na subida da cordilheira. A disposição das árvores, vistas de longe, lembrava um anfiteatro, o conglomerado de cedros se destacava pelo seu aspecto de massa compacta verde-escura.

O missionário Thomas explica que existia uma discrepância nas declarações dos viajantes em relação à quantidade de árvores originárias da floresta do Monte Líbano. Alguns contaram sete, enquanto outros 12, pretendendo identificar aquelas cuja idade e tamanho “as tornavam bíblicas, ou pelo menos históricas” (THOMSON, 1859, p. 295).

Há meio século, diz William Thomson, quando os visitantes eram poucos, havia centenas de árvores jovens e brotos das pinhas maduras nas raízes de cedros velhos. O missionário recordou os esforços para protegê-los das cabras,



Marina Haizenreder Ertzogue
"Nenhuma árvore no jardim de Deus era tão bela quanto ele":
Turismo religioso e extinção da floresta de cedros do Líbano
em relatos de missionários protestantes no Oriente Médio

do gado do pastor e do camponês. "Isso, no entanto, foi logo abandonado e, durante o verão e o outono, esse bosque é invadido por homens e animais, os cedros jovens são pisoteados e destruídos" (THOMSON, 1886, p. 268).

Era um consolo saber que, "se esta floresta de cedro lentamente morrer e desaparecer devido à negligência e vandalismo dos nativos e a política ruinosa dos turcos, a árvore em si não será perdida" (THOMSON, 1886, p. 268). A esperança do missionário presbiteriano era saber que o cedro do Líbano se propagou a partir de sementes em parques e jardins da Europa.

Hooker e Christ, a desconstrução do literalismo bíblico

A literatura botânica do século XIX, segundo Aiello e Dosmann (2007), estava repleta de referências às florestas de cedros do norte do Líbano. Vários botânicos europeus estavam explorando a flora da Ásia Menor com trabalhos que descrevem a crescente compreensão da variedade natural de cedro nesta região.

O botânico suíço Konrad Hermann Heinrich Christ (1833 – 1933)⁴ fez trabalhos de campo com Alexander Braun, em 1853. Autor de *Das Pflanzenleben der Schweiz*. (1879), considerada obra de referência na geografia botânica, Hermann Christ (1890) deixou publicado 144 artigos e três livros sobre botânica, sendo que um deles trata da extinção dos cedros do Líbano de forma meticulosa, sem entrar na seara do dogmatismo religioso. O texto está publicado no *Garden and Forest, a Journal of Horticulture, Landscape Art and Forestry*.

Hermann Christ começa por reconhecer que o cedro clássico da antiguidade havia se tornado raro no Monte Líbano. Para o autor, não havia nada mais belo do que a pequena floresta verde-escura erguida na cordilheira, onde cada árvore, com seu aspecto original, parece "contar uma história repleta de memórias" (CHRIST, 1890, p. 246).

Na floresta descrita pelos viajantes, existiam duas gerações distintas: os cedros jovens e os cedros seculares de grandes proporções. As árvores mais altas e maciças eram os Cedros do Senhor, pois se acreditava que eram originárias do tempo de Salomão. A longevidade de uma árvore gigantesca chegou a ser calculada usando a dendrologia com idade estimada de 3.000 anos.

George Busch (1796-1859), professor de Hebraico e Literatura Oriental, estudioso da Bíblia, autor de *Illustrations of the Holy Scriptures* (BUSCH, 1856, p. 568), sobre os cedros originários, afirmou: "Aqueles que a superstição consagrou como sagrados e que são o principal objeto da curiosidade do viajante,



Marina Haizenreder Ertzogue
"Nenhuma árvore no jardim de Deus era tão bela quanto ele":
Turismo religioso e extinção da floresta de cedros do Líbano
em relatos de missionários protestantes no Oriente Médio

diminuíram gradualmente em número nos últimos três séculos." Nessa obra, o presbiterano americano correlaciona versículos bíblicos à luz das leituras de Harmer, Burder, Paxton e Roberts. No entanto, Busch divergia da concepção de que, pela longevidade, se distinguia os cedros remanescentes de Salomão.

No decorrer do próximo século, diz George Busch (1856, p. 568), as predições dos profetas seriam literalmente cumpridas. "E a mais impiedosa das nações estrangeiras o derrubou e o deixou; caídos seus ramos sobre os montes, seus galhos pereceram quebrados nas ravinas" (Ezequiel 31:12). Esta passagem será evocada por outros viajantes, no entanto, no contexto do profeta, trata-se de uma referência à queda do império babilônico.

O famoso bosque deixava no visitante uma triste impressão: "Quem o vê, não pode afastar-se da ideia de que as veneráveis árvores estão perecendo" (CHRIST, 1890, p. 246). Sobre as causas da extinção dos cedros do Líbano, o botânico foi de uma precisão cirúrgica ao dizer que as nove árvores restantes estavam menos mutiladas por causa da severidade do clima do que pelo descuido de pastores e peregrinos, que quebravam os ramos e muitas vezes faziam fogueiras em volta das árvores. Além disso, as plantas jovens não estavam crescendo, pois as cabras as destruíam logo que os primeiros brotos começavam a aparecer.

Se o estudante da Bíblia lamentava a perda iminente daqueles monumentos da Antiguidade, para Hermann Christ, o botânico e o silvicultor poderiam, ao menos, ter o consolo de saber que havia cedros em outras cordilheiras, de modo que "um rápido extermínio da espécie não é provável" (CHRIST, 1890, p. 246).

Sendo inevitável a extinção dos velhos cedros no Monte Líbano, o botânico suíço relatou a descoberta de vastas florestas do "verdadeiro cedro do Líbano," na altitude de 4.000 a 6.000 pés, em imensas massas de montanhas que se estendiam ao longo da costa da Cilícia. Para Christ, não era preciso lembrar que o cedro era celebrado por Isaías, Davi e Salomão, acrescentando que os estudiosos suspeitavam, pelo menos, que uma parte das referências bíblicas daria espaço para dúvidas, onde não se referia ao "verdadeiro cedro", mas à madeira do cipreste.

No entanto, as solicitações deixadas pelo rei Salomão de Israel ao rei Hiram de Tiro marcaram o início de registros detalhados do comércio fenício de madeira que era cortada, transportada para a costa fenícia, rebocada para Jaffa e depois transportada para Jerusalém. (LIPHSCHITZ; BIGER, 1991). Em busca das evidências históricas do uso do cedro do Líbano na antiguidade, Nili Liphshitz e Gideon Biger (1991), demonstram através de apontamentos históricos que o Antigo Egito importou muito cedro do Líbano. Faraó Snefru, 2.600 a C), deixou



Marina Haizenreder Ertzogue
"Nenhuma árvore no jardim de Deus era tão bela quanto ele":
Turismo religioso e extinção da floresta de cedros do Líbano
em relatos de missionários protestantes no Oriente Médio

relatos do recebimento de 40 navios abarrotados de madeira de cedro para a construção naval.

Para Mary Perle Andreson (1908, p. 287), em publicação da *Torrey Botanical Society*, existiam dúvidas se a conífera conhecida por cedro do Líbano, *Cedrus Libani Barr*, era a mesma mencionada com tanta frequência no Antigo Testamento, "pois os cedros ocupam uma posição elevada e isolada." Em relação à localização: a três quilômetros da costa, entre vales rochosos, numa altura de seis mil pés no lado do Monte Líbano, a madeira poderia ter sido transportada para Jerusalém, porém, com mais custos e dificuldades.

Entre turistas e peregrinos, foi divulgado que os verdadeiros cedros só existiam no Monte Líbano. Nesse sentido, o missionário protestante enviado à Síria pelo *American Board of Commissioners for Foreign Missions* (1863), o botânico George Edward Post (1889), professor do Syrian Protestant College, afirma que o Líbano e o Antilíbano já foram densamente arborizados. A partir de referências bíblicas, George Post deduz que, pelo menos até a época de Isaías, o Líbano era uma cordilheira coberta de florestas. Sendo a mais setentrional em Bsharri, onde estavam os famosos Cedros do Senhor, incluindo cerca de 450 árvores de idades variadas. Contudo, dos cedros antigos, restava apenas uma dúzia deles.

No outono de 1860, o botânico J. D. Hooker acompanhou o capitão Washington, hidrógrafo da marinha inglesa, numa expedição ao Monte Líbano, onde realizaram um levantamento da flora, com ênfase no crescimento dos cedros. A expedição durou 15 dias. Em 29 de setembro, no vale de Kadisha, os investigadores acamparam no sopé da montanha.

No dia seguinte, o grupo fez a prospecção do local, encontrando um total de 400 árvores, divididas em nove grupos de tamanhos variados. Para Hooker (1862), o fato mais notável era o tamanho em relação à idade dos cedros, não havia nenhum com menos de 18 polegadas de circunferência. Entretanto, não foram achados cedros jovens, arbustos, nem mesmo mudas em crescimento com menos de dois anos (HOOKER, 1862).

Não havia meios de estimar com precisão a idade da árvore mais jovem ou mais velha. Ressaltando, no entanto, que a madeira do galho de uma velha árvore, cortada na época, tinha 20 centímetros de diâmetro, sem a casca, um só galho com não menos de 140 anéis, tão próximos em algumas partes, que não podiam ser contados sem lentes.

No entanto, são características de um galho inferior de uma árvore muito velha, e não servia como parâmetro para o caráter geral da madeira no Líbano,



Marina Haizenreder Ertzogue
“Nenhuma árvore no jardim de Deus era tão bela quanto ele”:
Turismo religioso e extinção da floresta de cedros do Líbano
em relatos de missionários protestantes no Oriente Médio

e menos para espécies cultivadas na Inglaterra, inferiores em cor, odor e textura (HOOKER, 1862).

Calculando-se apenas pelos anéis daquele ramo específico, diz o botânico, as árvores mais jovens no Líbano teriam, em média, 100 anos; as mais antigas, 2.500 anos, “ambas são estimativas, sem dúvida, muito longe do padrão” (HOOKER, 1862, p. 13).


E, por fim, Hooker desconstrói outro literalismo bíblico, lançando a hipótese do templo de Salomão não ter sido erguido com cedros originários do Monte Líbano. “Se o bosque diminuiu muito durante o período histórico, é uma questão que só pode ser decidida por uma cuidadosa coleta e escrutínio dos registros de antigos viajantes” (HOOKER, 1862, p. 14).

O botânico afirmou que não ficaria surpreso caso existissem provas de que os cedros não diminuíram desde os dias de Salomão, “pois é muito duvidoso que a madeira tenha sido amplamente usada em Jerusalém para fins de construção” (HOOKER, 1862, p. 14). A palavra cedro na Bíblia aplica-se a vários tipos de árvores, e ao *Cedrus Libani*, quando associada, referia-se “a algum epíteto distintivo” (HOOKER, 1862, p. 14). Para George Paxton (1822, p. 137), o cedro do Líbano foi considerado objeto de grandeza incomparável no reino vegetal. “É, portanto, uma das imagens naturais que frequentemente ocorrem no estilo poético dos profetas hebreus; e é apropriado para denotar reis, príncipes e potentados do mais alto escalão.”

Na época de Salomão, o comércio de madeira era monopolizado pelos fenícios, sendo abundante o carvalho e o pinheiro em todas as faixas costeiras do Carmel. Hooker (1862) acredita ser improvável que os vales quase inacessíveis do Líbano tivessem sido saqueados em busca de uma madeira que não tinha a qualidade particular para fins de construção. Além disso, havia outros tipos de árvores. “Na minha opinião é uma questão que fica em aberto, se o *Cedrus Libani* forneceram de fato a maior parte da madeira na construção do templo de Salomão” (HOOKER, 1862, p. 15). Por outro lado, era indubitável que o bosque, no período histórico, aumentou e depois diminuiu de extensão, devido a mudanças seculares no clima, lembrando que “nenhuma muda atingiu a maturidade, embora, milhares germinem anualmente” (HOOKER, 1862, p. 15).

As profecias dos cedros do Líbano

O abade Pierre Azais, historiador francês e capelão do Collège Royal de Nîmes, autor de *Journal d'un Voyage en Orient* (AZAIS, 1858), em peregrinação



pela Terra Santa, em 1853, viajou para Beirute, com destino ao Monte Líbano. O abade foi acompanhado por uma pequena caravana, incluindo Salek, o drogamano, um intérprete maronita que falava italiano, um condutor de cavalos e dois viajantes.

Depois de uma árdua cavalgada, pernoitando ao sopé da cordilheira, o abade chegou ao bosque de cedros. Em êxtase, a comitiva sentou-se ao pé de um cedro gigante. Então, Azais abriu o Antigo Testamento e começou a ler em voz alta as passagens do profeta Ezequiel sobre os cedros bíblicos. “Deixamos por um momento de ser viajantes e voltamos a ser peregrinos” (AZAIS, 1858, p. 134).

No diário de viagens, o abade registrou que a floresta de cedros do Líbano era descendente das árvores que formavam a estrutura do magnífico templo de Salomão. “E este velho tronco sobre o qual me apoio agora, enquanto leio esta passagem, provavelmente, é daquela época, está ali, carregado de séculos como uma página viva da narrativa bíblica” (AZAIS, 1858, p. 135).

Para o abade católico, não havia dúvidas de que o tronco onde se recostou era o mesmo da floresta de cedros de Salomão, de onde o rei de Tiro mandou 30 mil homens cortarem a madeira de cedro e transportar pelo porto de Biblos, a 40 quilômetros de Beirute, até Jerusalém.

Para Pierre Azais, havia uma passagem no Antigo Testamento que resplandecia toda a grandeza das imagens e toda a magnificência da linguagem figurada, trata-se do relato da queda da Babilônia pelo profeta Ezequiel. Um grande cedro no Líbano, com belos galhos e folhagens, espalhava por toda a parte a sua vasta sombra, cuja altura excedia a de todas as árvores.

Todas as aves do céu se aninhavam nos seus ramos, e todos os animais do campo geravam debaixo dos seus ramos, e todos os grandes povos se assentavam à sua sombra (Ezequiel, 31: 6).

Os cedros do jardim de Deus não o podiam esconder; os ciprestes não eram como os seus ramos, e os plátanos não eram como as suas varas; nenhuma árvore do jardim de Deus se assemelhava a ele na sua formosura (Ezequiel, 31: 8).

E estrangeiros, os mais terríveis das nações, o cortaram e o deixaram; caíram os seus ramos sobre os montes e por todos os vales, e os seus brotos foram quebrados por todas as correntes da terra; e todos os povos da terra se retiraram da sua sombra, e o deixaram (Ezequiel, 31: 8).



Diz o abade Azais que toda a majestade dos gigantes da floresta do Líbano estava contida nos versículos de Ezequiel como se fossem escritos diante daquele grande cenário da natureza, sendo a queda da Babilônia representada por um grande cedro que cai com o auxílio do machado.

Conta o abade que, daquela magnífica floresta que coroava o Líbano e sombreava seus vales, restavam apenas uma dúzia de cedros, além de 400 árvores mais jovens e menores. Tempestades, incêndios e as devastações dos homens devoraram as árvores. E o lugar onde estavam os cedros “se tornará uma solidão árida e estéril, como profetizou Isaías e o cumprimento dessa profecia é impressionante” (AZAIS, 1858, p. 39).

O vandalismo dos viajantes, turistas e peregrinos

Na segunda metade do século XIX, a tradição da peregrinação cristã passou por um súbito renascimento, isso foi possível pelo aprimoramento dos métodos de viagens e da expansão das vias de comunicação, tornando mais fácil e seguro viajar pelos locais sagrados. Foi também no século XIX que se configurou o turismo religioso moderno. No entanto, os peregrinos mantiveram seu objetivo: viajar para a Palestina, visitar locais sagrados daquele país, além de outros lugares com eventos descritos no Antigo e no Novo Testamento (DORON; KOBI, 2002, p. 142).

Do porto de Marselha, sul da França, em 23 de agosto de 1853, partiu a primeira caravana com 40 peregrinos para Jerusalém, organizada pela *L'Oeuvre des Pèlerinages en Terre Sainte*. O empreendimento, com sede em Paris, tinha por objetivo organizar roteiros aos locais santos com guias religiosos, a maioria deles, padres da congregação franciscana, residentes em Jerusalém. Além disso, manteve convênios com companhias de navegação da França para obter passagens com preços acessíveis aos peregrinos.

Desde 1853, *L'Oeuvre* organizou viagens para a Terra Santa duas vezes por ano. Um dos *tours* tinha a duração de seis semanas, incluindo a viagem marítima. Além de Jerusalém na Páscoa, havia passeios opcionais. Na Europa, o turismo religioso moderno foi impulsionado pela *Oeuvre des Pèlerinages en Terre Sainte*.

Do roteiro da viagem à Terra Santa, os preços de pacotes turísticos eram anunciados na imprensa. Em 4 de agosto de 1880, o jornal *L'Intrusigeant* publicou o anúncio de um passeio aos cedros. O pacote incluía passagem e alimentação. O excursionista pagaria o acréscimo de 300 francos para visitar os cedros de Salomão. O anúncio de outra excursão, saindo de Paris, passando por



Marina Haizenreder Ertzogue
"Nenhuma árvore no jardim de Deus era tão bela quanto ele":
Turismo religioso e extinção da floresta de cedros do Líbano
em relatos de missionários protestantes no Oriente Médio

Marselha, com destino à Terra Santa, diz: "Visitar o túmulo de Cristo, passear no Horto das Oliveiras, ouvir no Líbano a missa celebrada no pé de cedros é um magnífico coroamento da romaria" (L'INTRASIGEANT, 1880, p. 2).

É possível imaginar o impacto ambiental pelo fluxo de peregrinos na floresta de cedros do Líbano? Trata-se da expansão de um evento, a princípio regional, a missa campal rezada ao pé dos cedros, uma celebração entre maronitas católicos de localidades vizinhas. Também tinha a Festa dos Cedros e a celebração pelo Dia da Transfiguração no verão, eventos com grande número de participantes.

Vejamos a descrição da capela onde era celebrada a missa na floresta, segundo Isabel Burton, esposa do capitão Richard F. Burton, cônsul em Damasco (1869-1871): "Fui à missa na capela maronita, perto do nosso acampamento. O templo era um velho galpão de madeira; o tabernáculo era uma lanterna com um lado para fora, e uma caixa de sardinha era um dos vasos do altar" (BURTON, 1884, p. 134).

Apesar da singeleza da capelinha maronita, turistas e peregrinos, inclusive protestantes, não deixavam de visitar o local e participar do culto religioso, até pelo seu caráter pitoresco. Causa espanto, todavia, o relato do missionário presbiteriano americano, Harry Harris Jessup (1832-1910), em missão evangelizadora na Síria por 53 anos, sobre a devoção católica na capela de cedros.

No livro de memórias *Fifty-Three Years In Syria*, ao narrar sua ascensão ao Monte Líbano, em 1856, o missionário Jessup diz que havia uma igreja para adoração de santos e imagens, debaixo de uma das árvores, "e os ignorantes vêm aqui para receber uma bênção. Graças a Deus, nós chegamos a essas cenas sem aquela superstição idólatra, que embora professa esperar a bênção, derruba a maldição do Todo Poderoso" (JESSUP, 1910, p. 141).

A capela maronita na floresta de cedro, segundo a literatura de viagem, datava do final de 1840. Em séculos anteriores, a missa era rezada em altar rústico formado por pedras empilhadas. A celebração passou a fazer parte do roteiro turístico religioso para viajantes ocidentais, conforme anúncio do jornal *L'Intransigeant* (1880). De qualquer modo, pode-se ter uma dimensão do impacto desse fluxo do turismo religioso no Monte Líbano. Em 1881, o governante libanês decidiu pelo cercamento da floresta de cedros e por uma vigilância ostensiva.

De forma caricata, Harry Jessup (1889) descreveu uma personagem encarregada da vigilância dos cedros, em jornal na língua inglesa, editado em Beirute, o *El-Arz*, sobre a chancela da *American Seecedar Association*, editado



por Anna H. Jessup, uma das filhas do missionário. Jessup conta que o sírio Natur, era uma personagem privilegiada. Cada vila tinha um ou mais vigias para proteger as vinhas, os jardins e as casas contra ladrões e animais selvagens. Desde que a floresta de cedros foi cercada pelo governador do Monte Líbano, Rustem Pasha, Natûr foi nomeado guardião dos cedros.

"Ele não é apenas um Natur, mas um maronita, e não apenas um maronita, mas um Bsharri maronita. Ele tem uma estrutura física poderosa e musculosa, carrega um enorme porrete e uma espingarda de cano duplo e uma adaga no cinto" (JESSUP, 1889, p. 78). A *short story* do missionário protestante gira em torno da tentativa de compra de cones de cedros da floresta preservada. Jessup pediu cones de cedro, Natur disse que não havia nenhum naquele ano.

– Quero 300 cones, então defina seu preço e deixe-os prontos na quarta-feira.

– Impossível, senhor, estragaria as árvores, aliás, a colheita é pequena; além disso, é muito perigoso, posso cair e morrer. No entanto, se desejar, posso conseguir 25 cones por duas piastras cada. O missionário diz que podia ficar sem cones, pois eles poderiam ser plantados no bosque de Hadeth e se afastou (JESSUP, 1889, p. 79).

Alguns viajantes protagonizaram cenas de depredação e falta de respeito com um dos símbolos do Líbano. Este foi o caso do casal Burton. No prefácio de *Unexplored Syria* (1872), Richard F. Burton (1821-1890) explicou que o primeiro capítulo do livro foi escrito por sua esposa, a partir de anotações do seu diário de campo.

Em 30 de julho de 1870, a pequena comitiva do capitão Burton, composta por ele, Isabel, sua esposa, e dois viajantes, Drake e Palmer, armaram tendas entre os cedros, sob as maiores árvores que havia. No outro dia, o capitão Burton fez uma inspeção no bosque. A primeira impressão do viajante inglês sobre os cedros foi a seguinte: "Receio que será considerado de mau gosto confessar que nenhum de nós caiu no êxtase habitual diante dessas exageradas árvores de Natal" (BURTON; DRAKE, 1872, p. 99). De perto, elas foram consideradas tão mesquinhas e esfarrapadas, diz Burton, que um cavalheiro inglês recusaria a entrada delas em seu parque.

O capitão Burton comparou os cedros antigos a um queijo da Cornualha, cuja característica é uma casca dura e mofada, o que lhe confere um aspecto escuro e envelhecido. O que o viajante inglês viu e descreveu a respeito das árvores antigas?

Troncos torcidos, cortados, despojados e aplainados em tábuas, espoliados de seus galhos e manchados com fogo. Na sequência, o casal Burton acusa a



população local pela depredação das árvores. “Nós os encontramos queimando cal e fervendo o café com os despojos das *árvores do Senhor*” (BURTON; DRAKE, 1872, p. 100).

Além disso, Isabel Burton levou galhos e cones dos cedros seculares para presentear amigos e diz que teve sorte de obter, com a permissão do Murray's Handbook, “vários dos pequenos cones sem valor, usados como carvão para aplicação em feridas, mas quem me absolverá do sacrilégio de levar um grande bloco de presente para meu primo B...?” (BURTON; DRAKE, 1872, p. 106).

Os comentários do casal Burton em *Unexplored Syria* (BURTON; DRAKE, 1872) repercutiram negativamente no *The British Quarterly Review* (ALLON, 1873). Diz o editor, Harry Allon, que a visita do casal Burton aos cedros do Líbano não deixava de ter certo interesse. As árvores históricas eram descritas por sua posição numa das cordilheiras mais altas do país, de onde o viajante tinha a mais bela vista.

No entanto, quase todos os objetos e características do Líbano que despertavam o interesse dos viajantes foram tratados pelo Capitão Burton e pela Sra. Burton com leviandade e desprezo, como afirma Harry Allon (1873, p. 78), que os cedros do Líbano poderiam, “devemos supor, ter obtido do mais prosaico dos viajantes, por causa de sua conexão com a história e a poesia hebraica, pelo menos um pouco de respeito.”

Para Harry Allon (1873), não era a população local que queimava cal e fervia seu café com os despojos das “árvores do Senhor”. Sobre as acusações da senhora Burton, Allon disse que era do conhecimento de todos que os árabes mantinham pelos cedros uma veneração quase supersticiosa. Eles pensariam em incendiar a própria residência em vez de queimar um galho da árvore que consideram sagrada.

Por fim, depois de afirmar que a floresta de cedros tinha um guardião para protegê-los (ALLON, 1873), ressaltou que não eram os nativos os causadores da depredação, mas os visitantes, muito propensos a cortar e a mutilar os veneráveis patriarcas da floresta, pela tola gratificação de levar algum souvenir de sua excursão no Líbano, incluindo a senhora Burton, que, aproveitando-se da posição oficial de seu marido, havia levado um grande bloco de cedro para presentear um amigo, segundo confissão da própria.

Sobre esse episódio, Isabel Burton (1884) trouxe mais detalhes em *The Inner Life Of Syria, Palestine*. A esposa do cônsul de Damasco acampou na floresta dos cedros, onde recebeu a visita do padre maronita e de um sheik; ela conta que deu ao padre 10 xelins por um bloco de madeira de cedro de bom tamanho e



alguns cones para guardar de lembranças. Isabel Burton explica que a madeira era para queimar, triturar e misturar com óleo, para esfregar no lombo dos cavalos quando torcido. “Ele pegou o dinheiro, mas esqueceu de me dar a madeira” (BURTON, 1884, p. 135).

Em 15 de agosto de 1881, foi publicado, no jornal *Levant Herald* e replicado na imprensa da Inglaterra e da França, um decreto do governador-geral do Líbano, Rustem Pasha, além de um comunicado aos turistas. Os maiores cedros do Monte Líbano isolados, que adornam a antiga floresta, estavam prestes a desaparecer.

Os cedros seculares, objeto de verdadeira veneração pelos árabes, muito sofreriam com a negligência dos visitantes vindos de Trípoli e Beirute para contemplá-los. As autoridades construíram, em torno daqueles testemunhos de tempos passados, um muro para facilitar a fiscalização.

Palácio de Beit-Eddin, 15 de agosto de 1881, diz o decreto que os cedros de *Ebcharreh* continuariam acessíveis a todos os viajantes, porém, estava proibido erguer tendas dentro da floresta e fazer acampamentos fora dos locais designados. Também era expressamente proibido acender fogueiras perto de árvores, cortar galhos ou gravetos, nem mesmo usar fogões ou aparelhos de cozinha dentro do bosque. Não era permitido trazer animais de carga: cavalos, mulas, jumentos ou qualquer animal para dentro do distrito. Se bois, ovinos, caprinos ou outros animais de pastagem fossem encontrados na floresta, seriam confiscados.

O decreto responsabilizava os dragomanos, os intérpretes, e os guias por quaisquer ofensas cometidas às árvores. Por fim, um regulamento do governador-geral do Líbano apareceu na imprensa, explicando o motivo do cercamento do vale dos cedros. Não havia intenção de afastar os turistas.

No entanto, uma das práticas seculares entre peregrinos e viajantes, o pernoite na floresta, ficou inviável pela proibição de acender fogueiras. Três dos maiores cedros da floresta foram queimados e parcialmente destruídos pela imprudência de turistas que instalaram fogões e sua cozinha “perto destes colossos da montanha, cujo número agora é muito reduzido” (JOURNAL DES DÉBATS, 17 set. 1881, p. 3).

No século XIX, a devastação dos cedros devia-se também pela facilidade para viagens em todas as partes do mundo, encurtando distâncias, antes acessíveis apenas a uma parcela diminuta de peregrinos e aventureiros, logo, a expansão do turismo religioso contribuiu para a depredação da floresta dos cedros.

O *The Building News and Engineering Journal* (1881) comentou a decisão do



governo e defendeu a regulamentação do uso da área de floresta de cedros para salvá-la da destruição completa e preservar o que restou. O mérito do decreto de Rustem Pascha, diz o jornal londrino que serviria, pelo menos, para verificar, "se não impedir, o vandalismo e o descuido da maioria dos viajantes" (THE BUILDING NEWS AND ENGINEERING JOURNAL, 1881, p. 411).

A imprensa inglesa fez um retrospecto da história da devastação da floresta de cedro, começando por Salomão, que causou sérios estragos, visto que ele empregou 80 mil trabalhadores para derrubar as árvores e cortar a madeira para o templo. Um rei assírio atribuiu tanto valor ao cedro do Líbano que mandou transportar enormes vigas para Nínive, onde foram usadas na construção do palácio real. Herodes também usou a madeira para cobrir o segundo templo, de modo que, devido a esses e a dezenas de outros depredadores, a floresta diminuiu para um bosque de quatrocentas árvores.

O jornal americano *The Youth's Companion* (1882) recordou que muitos excessos ocorriam por causa dos acampamentos e até mesmo da celebração religiosa. As árvores centenárias sofriam muito com o descuido dos visitantes que vinham de Trípoli e Beirute.

Diz o jornal de Boston que, dificilmente, contando seis deles, a sua dimensão podia fazer supor serem eles contemporâneos dos tempos bíblicos. Havia cedros com cerca de 12 metros de circunferência, mas, lamentavelmente, seus troncos estavam nus e a sua casca "toda cortada, talhada, esculpida de mil maneiras pela faca dos viajantes. Cobrem com sua sombra, uma capela quadrada cuja pedra macia também recebeu a marca de vários personagens europeus e orientais" (THE YOUTH'S COMPANION, 1882, p. 24).

Um relatório contendo notícias diversas sobre obras executadas pelo governo do Líbano (1880), em *Reports from Her Majesty's Consuls on the Manufactures, Commerce, &c. of Their Consular Districts*. Great Britain, (foreign office, 01/1881, p. 1074) diz: "Rustem Pasha construiu uma nova prisão em Bait-ed-Din, várias novas casas de guarda e um muro de proteção em volta dos cedros que sofreram muito ultimamente com o gado e os turistas."

Em 1896, Vital Cuinet, autor de um livro de viagens com estatísticas e descrições da Síria, do Líbano e da Palestina, relatou que, dos cedros do Líbano, restavam 12 remanescentes das florestas que cobriam a montanha quando o rei de Tiro forneceu ao rei Salomão a madeira para seu templo. "O local onde estão esses doze cedros é cercado por um muro, com uma guarda pago pelo *mutésarrif* para proteger os cedros contra qualquer ataque" (CUINET, 1896, p. 218).

No editorial do *Le Petit Parisien*, Jean Frolo⁵ comentou as medidas drásticas



do governo do Líbano para proteção dos cedros remanescentes: entre elas, o cercamento da floresta com uma barreira alta e sólida e a vigilância no verão, “quando os vândalos do turismo vêm cortá-las e arrancar seus galhos” (FROLLO, 1914, p. 1). As árvores mais antigas tinham 30 metros de altura. A maior delas, 13 pés de diâmetro, cobrindo uma área de cerca de 120 pés.

Os cedros de Salomão, cuja adoração outrora deu ao Líbano o nome de Montanha dos Perfumes, estavam a 2.240 metros de altitude. Os picos mais altos da cordilheira ficam nas proximidades, cerca de uma hora e meia da cavalgada. “Antigamente, uma geleira ocupava o lugar das famosas árvores assentadas” (FROLLO, 1914, p. 1).

O respeito aos cedros fez com que multidões de admiradores e fiéis se deslocassem até o Líbano, aos pés das velhas árvores, erguiam-se altares onde rezavam missas os patriarcas maronitas dos mosteiros vizinhos. As populações de países professavam um verdadeiro amor por esses gigantes da vegetação, que tinham seus milhares de devotos. Até meados do século XIX, era costume reunir-se todos os anos, no Dia da Transfiguração. Porém, desta enorme afluência, eclodiram violentas querelas e, às vezes, havia colisões sangrentas.

Os moradores de aldeias vizinhas mantiveram a tradição da missa na floresta de cedros com um padre local. Ao final da cerimônia, tiros eram disparados em sinal de alegria, os visitantes bebiam, cantavam e dançavam ao ritmo de instrumentos rústicos. Na volta, “colhem ramos de cedro que embelezará a casa até o ano seguinte e afastará os infortúnios” (FROLLO, 1914, p. 1).

A escrita para eternidade

Em 5 de agosto de 1853, data de celebração da Transfiguração do Senhor, uma missa solene era realizada na floresta. Nesse dia, o missionário presbiteriano Josias Porter esteve lá. A celebração ocorreu numa pequena capela tosca, entre os cedros, e o telhado era todo em madeira da floresta. A pequena capela substituiu uma tradição secular: a missa rezada em altar de pedras empilhadas ao pé do cedro mais antigo.

Anexo ao templo, morava o diácono católico, guardião da floresta. Segundo Josias Porter, o religioso esperava dos viajantes alguma doação à igreja em troca de cones de cedros ou fragmentos de galhos, aqueles que a neve havia quebrado.

Depois de ter assistido à missa celebrada por dois bispos estrangeiros, Porter foi abordado pelo diácono, que lhe trouxe o livro dos viajantes e um lápis do



altar, e pediu para o missionário presbiteriano assinar. “Este, certamente, é um modo mais racional de registrar uma visita aos cedros do que a prática sacrílega de esculpir letras na casca de alguma árvore nobre” (PORTER, 1855, p. 302).

De fato, todos os troncos das árvores mais antigas estavam cortados, talhados e desfigurados “por essa propensão bárbara dos viajantes, onde podem ser lidos pelos curiosos, os nomes de sábios ilustres, juntamente com indivíduos desconhecidos” (PORTER, 1855, p. 301). Além destes, figuravam ao lado de senhores nobres o nome dos seus dragomanos “e outras associações, igualmente nobres, são formadas para excitar a diversão e indignação da posteridade” (PORTER, 1855, p. 301).

Mais benevolente com a depredação na floresta de cedros, o abade francês Pierre Azais, que estava no Líbano na mesma época de Porter, diz que a maioria dos viajantes deixava vestígios de sua passagem nas árvores, gravando seus nomes nelas, como se associassem à imortalidade dos cedros. Cada tronco era carregado com uma série de nomes mais ou menos obscuros. Para o abade francês, o cedro parecia um livro de registro de todos os viajantes. “É de todos os tempos, alguns datam de quase um século. Notei o nome de um dos nossos peregrinos, o Sr. Domergue, mas era de outro viajante homônimo, gravado em 1780” (AZAIS, 1858, p. 142).

Todavia, o abade adverte que a imortalidade pretendida não passava de ilusão. “Como para testemunhar quão vã e perecível é toda a glória humana, com o passar dos anos a casca novamente cobre o espaço de onde ela foi removida, devorando uma letra, depois outra até a última, e jogando todos esses nomes em esquecimento” (AZAIS, 1858, p. 142).

De tamanho estuendo, cumes elevados e coberto com neve perpétua, o Monte Líbano foi coroado com cedros perfumados, com plantações de oliveiras e de vinhas, regados por riachos cristalinos, onde tudo combinava-se para formar na linguagem das Escrituras: “a Glória do Líbano.” Todavia, o reverendo George Paxton (1762-1837), professor de teologia e autor de *Illustrations of the Holy Scriptures*, afirmou que toda essa glória, passível de mudança, “sofreu um declínio sensível pelo consentimento unânime dos viajantes modernos” (PAXTON, 1822, p. 138). As extensas florestas de cedro, que adornavam e perfumavam os cumes e declives daquelas montanhas, estavam desaparecendo.

Considerações finais

Não há dúvida de que estamos vivendo em um planeta que está encolhendo,



sendo assombrado por eventos climáticos provocados não apenas pelas forças da natureza, mas pela ação humana. A ideia de Antropoceno, difundida desde o início deste século por Paul Crutzen (Prêmio Nobel de Química, 1995), “vem se transformando no principal instrumento conceitual para o entendimento dessa mudança histórica” (PÁDUA, 2022b, n. p). Nesse sentido, concordamos com o historiador ambiental ao afirmar que: “O conflito coletivo da humanidade com o planeta, mesmo que diferenciado por classes e regiões, é uma realidade nova e um desafio que nos coloca na encruzilhada da nossa própria história” (PÁDUA, 2022b, n. p).

Em relação a Ecoteologia, a crise ambiental não induziu apenas para que o cristianismo desse uma contribuição importante para a compreensão mais adequada do papel da humanidade na natureza, mas também “uma reavaliação crítica da própria fé cristã” (CONRADIE, 2004, p. 125). Muitos teólogos sugeriram inclusive a transformação da teologia cristã em uma teologia ecológica.

A destruição dos cedros do Líbano abre uma discussão atual sobre o impacto ambiental do turismo religioso e de massa aos monumentos antigos e a natureza. A história nos diz que a prática predatória nas florestas também estava condicionada ao fator de devoção, portanto, com a supressão de objetos, com status de relíquias ou souvenir para os peregrinos. No caso dos cedros, esse fenômeno é retratado de forma abrangente. Além destes, outros fatores são apontados para a extinção das florestas no Líbano, sendo mais recente as mudanças climáticas que podem extinguir os cedros que ainda restam.

Nessa perspectiva, a história dos cedros do Líbano é uma parcela da história das florestas e da sua devastação. É importante conhecer esse passado para reativar a esperança de uma nova relação com o meio ambiente, relação menos predadora e aniquiladora, principalmente, através das crianças, como diz o Dr. Jaennel, em discurso incrivelmente atemporal, na *Société des Amis des Arbres* (1891), após criticar a elitização do conhecimento produzido na Universidade, o Dr. Jeannel afirma que uma elite de homens cultos conhece muito bem as obras, os argumentos de Valori, Carrière, Ranch, Surell, Baudrillart, Élisée Reclus, Clavé, Dumontzey, “mas o grande público ainda não entendeu que a prosperidade nacional, a própria vida da população está ligada à existência das florestas” (JAENNEL, 1891, p. 1024).

Por fim, asseverou que o público não sabia que: “a deterioração dos climas, invernos excessivos, verões tórridos, secas prolongadas, furacões devastadores, tempestades, granizo e inundações são causados pela destruição das florestas” (JAENNEL, 1891, p. 1024).



Um sopro de esperança para as gerações futuras.

Era isso que devia ser dito e repetido por todas as vozes da publicidade até que toda a população se apaixonasse pelas árvores, diz Jaennel, como a população dos Estados Unidos da América “se apaixonou; até que o amor pelas árvores seja incutido nas crianças em nossas escolas primárias como nas dos ianques, até que o amor pelas árvores se funda no coração de todos os cidadãos com o amor pela terra nativa.” (JAENNEL, 1891, p. 1024).

Referências

AIELLO, Anthony S.; DOSMANN, Michael S. The quest for the Hardy Cedar-of-lebanon. *Arnoldia: The Magazine of the Arnold Arboretum*, [s. l.], v. 65, n. 1, p. 26-35, 2007. Disponível em: <https://arboretum.harvard.edu/stories/the-quest-for-the-hardy-cedar-of-lebanon/>. Acesso em: 5 fev. 2023.

ALLON, Henry. Recent travels and explorations in Syria. *The British Quarterly Review*, New York, v. 57, p. 75-97, July 1873.

ANDRESON, Mary Perle Anderson. The cedars of Lebanon. *Torreya*, New York, v. 8, n. 12, p. 287-292, Dec. 1908.

AZAIS, Pierre; DOMERGUE, Charles. *Journal d'un Voyage en Orient*. Avignon: Seguin Ainé, 1858.

BÍBLIA interlinear. Disponível em: <https://www.nepe.wab.com.br/interlinear/?livro=13&chapter=14&verse=1>. Acesso em: 14 jan. 2023.

BURTON, Richard Francis; DRAKE, Charles F. T. *Unexplored Syria*. London: Tinsley Brothers, 1872.

BURTAN, Isabel. *The inner life of Syria, Palestine, and the Holy Land*. London: Kegan Paul, Trench, 1884.

BUSH, George. *Illustrations of the Holy Scriptures*. Philadelphia: Lippincott, 1856.

CONRADIE, Ernst M. Towards an ecological biblical hermeneutics: a review essay on the Earth Bible project. *Scriptura: Journal for Contextual Hermeneutics in Southern Africa*, [s. l.], v. 85, n. 1, p. 123-135, 2004.

CARNE, John. *Syria, the Holy Land, Asia minor illustrated*. London: Fisher, 1836.



CHRIST, Konrad Hermann Heinrich. The cedar of Mount Atlas. *Garden and Forest*, New York, p. 246-248, May 1890.

CUINET, Vital. *Syrie, Liban et Palestine, géographie administrative, statistique, descriptive et raisonnée*. Paris: Leroux, 1896.

DALTON, Anne Marie. Ecotheology. In: CASTREE, Noel; HULME, Mike; PROCTOR, James D. *Companion to environmental studies*. London: Routledge, 2018. p. 271-274.

DORON, Bar; KOBI, Cohen-Hattab. A new kind of pilgrimage: the modern tourist pilgrim of Nineteenth Century and Early Twentieth-Century Palestine. *Middle Eastern Studies*, [s. l.], v. 39, n. 2, p. 131-48, 2002.

FROLLO, Jean. Le Cèdres du Liban. *Le Petit Parisien*, Paris, p. 1, 6 janv. 1914.

HARRIS, Thaddeus Mason. *The natural History of the Bible*. Boston: Wells & Lilly, 1820.

HOOKER, Joseph Dalton. On the Cedars of Lebanon, Taurus, Algeria, and India. *The Natural History Review*, London, v. 2, n. 5, p. 11-18, Jan. 1862.

HORRELL, David G.; HUNT, Cheryl; SOUTHGATE, Christopher. Appeals to the Bible in ecotheology and environmental ethics: a typology of hermeneutical stances. *Studies in Christian Ethics*, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 219-238, 2008.

JAENNEL. *Du déboisement considéré comme cause de dépopulation et des moyens d'y remédier*: Association Francaise pour l'avancement des Sciences Fusionnée avec L'association Scientifique de France. Paris: Au Secrétariat de l'Association, 1891.

JESSUP, Harry H. *Fifty-Three Years in Syria*. New York: Fleming H. Revell Cia, 1910. v. 1.

JESSUP, Harry H. The natur at the Cedars of Lebanon. *El Arz*, Beirut, v.1, n. 10, p. 78-79, 1889.

JOURNAL DES DÉBATS, Paris, p. 3, 17 set. 1881,

L'INTRASIGEANT, Paris, p. 2, 4 ago. 1880.

LIPSHITZ, N., BIGER, G. Cedar of Lebanon ("Cedrus libani") in Israel during Antiquity. *Israel Exploration Journal*, Jerusalém, v. 41, n. 1/3, p. 167-175, 1991.



MURRE-VAN DEN BERG, H. William McClure Thomson's the land and the book (1859): pilgrimage and mission in Palestine. MURRE-VAN DEN BERG (ed.), H.L., *New Faith in Ancient Lands. Western Missions in the Middle East in the Nineteenth and Early Twentieth Centuries*, Studies in Christian Missions 32, Leiden: Brill, 2006, 43- 63.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

PÁDUA, José Augusto. Localizando a História do Antropoceno: o caso do Brasil. In: DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; SALDANHA, Rafael. (org.). *Os mil nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra*. Rio de Janeiro: Ed. Machado, 2022a. v. 1, p. 187-217.

PÁDUA, José Augusto. Vivendo no antropoceno: incertezas, riscos e oportunidades. *Antropoceno hoje: onde estamos?* Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2022b. Disponível: <https://museudoamanha.org.br/livro/10-vivendo-no-antropoceno.html>. Acesso em: 14 dez. 2022.

PAXTON, George. *Illustrations of scripture, from the Geography, Natural History, and manners and customs of the East*. Philadelphia: Hogan, 1822. v. 1.

POST, George E. The botanical geography of Syria. *Journal of the Transactions of the Victoria Institute*, London, v. 22, n. 88, p. 253-307, 1889.

PORTER, Josias Leslie. *Five Years in Damascus*. London: John Murray, 1855. v. 1.

RAMOND DE CARBONNIERES, Louis-François. De la végétation sur les montagnes. *Annales du Muséum National d'histoire Naturelle*, Paris, t. IV, n. XII, p. 395-404, 1804.

TALHOUK, Salma N.; MAKHZOUMI, Jala; MAUNDER, Mike; KHURI, Sawsan. You can't see the wood for the trees: the cedar of Lebanon as a symbol of a country and an ecosystem. *Archaeology & history in Lebanon*, [s. l.], n. 14, p 114-122, 2001.

THE BUILDING NEWS AND ENGINEERING JOURNAL, [S. l. s. n], 1881.

THE YOUTH'S COMPANION, Boston, 1882.

THOMSON, William McClure. *The Land and the Book: Or, Biblical Illustrations Drawn from the Manners and Customs, the Scenes and Scenery, of the Holy Land*. New York: Haper & Brothers, 1886. v. 1.



TREW, Christoph Jacob. Christophori Iacobi. *Apologia Et Mantissa Observationis De Cedro Libani et Cedrorvm Libani Historiae*. Norimbergae: Schwarzkopffius, 1767.

WHITE Jr., Lynn. The historical roots of our ecologic crisis. *Science, New Series*, [s. l.], v. 155, n. 3767, p. 1203-1207, Mar. 1967. <http://www.jstor.org/stable/1720120>. Acesso em: 11 jan. 2023.

WORSTER, Donald. *Shrinking the earth: the rise and decline of American abundance*. New York: Oxford University Press, 2016.

Notas

¹Doutorado em História Social pela USP e professora na Universidade Federal do Tocantins - UFT. ORCID 0000-0002-7854-736X.

²Cf. Thaddeus Harris (1820). *Natural History of the Bible or a description of all the quadrupeds, birds, fishes, reptiles, and insects, trees, plants, flowers, gums*.

³De acordo com o prefácio de *Land of the book*, cuja primeira edição saiu em 1859, tendo uma nova edição de 1886, existindo outras anteriores, porém, esta última foi ampliada por William M. Thomson.

⁴O botânico era especialista em pteridófitos. Hermann Christ (1890) tornou-se um defensor dos direitos humanos, atuando na proteção da população nativa do Congo. Uma biografia do botânico suíço foi publicada em S. Genn, 1933, *Obituary: Hermann Christ (1833-1933)*, *Proceedings of the Linnean Society*, 146: 146-147.

⁵Pseudônimo coletivo dos jornalistas Charles-Ange Laisant, Philipp Aebischer, André Tardieu no jornal *Le Petit Parisien*.